

AULAS

Professores que não aderiram à greve — mas deixaram de dar aulas por falta de alunos no período — estão isentos de repor os dias perdidos. Pais reclamam

Reposição faz-de-conta

Ana Lúcia Moura

Da equipe do **Correio**

Eles chegaram cedo, equilibrando nas costas a pesada mochila de livros, cadernos, lápis e caneta. No portão da escola, aguardaram cansados mais um dia de aula. Se a greve dos professores não tivesse acontecido, os alunos das escolas públicas estariam desfrutando o primeiro dia de férias. Mas a realidade é bem diferente. Os estudantes continuam em aulas. Até 24 de janeiro, vão repor os dias parados.

Em alguns colégios, no entanto, a reposição está prejudicada. É que uma circular assinada pela secretária de Educação Eurides Brito, ainda durante a greve, determinou que apenas os professores grevistas deveriam repor os dias parados. O problema é que muitos professores participaram da paralisação e outros, que não aderiram ao movimento, não conseguiram dar aulas por falta de alunos.

Na terça-feira, a Promotoria de Defesa da Educação do Ministério Público (MPDFT) vai entrar com uma ação judicial contra a Secretaria de Educação para tentar anular a circular. A promotora Luíza de Marillac já tinha pedido à Secretaria a anulação do documento. Ontem, no final da tarde, ela recebeu a resposta. “A secretaria não reconheceu a ilegalidade do documento e, portanto, não pretende determinar a reposição de aulas dos professores que não fizeram greve”, disse a promotora.

Adauto Cruz



NA ESCOLA CLASSE 412, DE SAMAMBAIA, ALUNOS AINDA SEM FÉRIAS RECLAMAM QUE IAM ÀS AULAS DURANTE A GREVE

ALUNOS PERDEM

Quem perde são os alunos. No Centro de Ensino Fundamental 404, de Samambaia, os professores que não aderiram à greve deram aulas só até quinta-feira, último dia letivo, de acordo com o calendário oficial. Os demais — apenas cinco professores — vão repor aulas só até o início de janeiro. “São poucos os educadores que estão repondo. Por isso, não precisaremos segurar os alunos por aqui por muito tempo”, afirma a vice-diretora Mirian do Carmo Silva.

De acordo com a negociação feita entre o Sindicato dos Professores (Sinpro) e a Secretaria de Educação, cada escola define seu próprio calendário de reposição. “E algumas escolas, apenas alguns professores participaram da paralisação, o que permite repor as aulas perdidas em menos tempo”, justifica o diretor do Sinpro, Marcos Pato.

Diferentes calendários de reposição para cada escola não agradam pais de alunos. “Reposição de aulas é uma ilusão. A circular deixou todo mundo solto. Os professores que não fi-

zeram greve já estão longe. Quem está repondo, está louco para terminar logo e entrar de férias. Os alunos é que saem perdendo”, desabafa Micaela de Andrade, 32 anos, mãe de uma aluna do Centro de Ensino 8 de Taguatinga.

O impasse da reposição cansa ainda mais os estudantes. “Durante a greve, eu vinha todos os dias para a escola, mas não me deixavam entrar. Agora todos têm obrigação de repor as aulas”, defende a aluna da Escola Classe 412 de Samambaia, Márcia de Lima, 11 anos.